

Literatura: da leitura dos clássicos à inclusão das facetas polêmicas da realidade

Marlene Lucia Siebert Sapelli

A preocupação com a Literatura não é nova no MST. Há muitas produções já publicadas e encontros realizados. Assim, não vou me dedicar nesse pequeno debate em recuperar obras e eventos, mas quero contribuir, para instigar mais ainda a potencialização do trabalho com a literatura, trazendo alguns elementos que são polêmicos e talvez exijam de nós um olhar mais atento neste processo de expandir o acesso à literatura como instrumento de formação humana, de reflexão sobre a realidade, de potencialização dos processos de leitura e escrita. Assim, o objetivo desse escrito é retomar o entendimento do que é literatura, de quem é o escritor, sobre os excluídos e marginalizados na literatura.

Para essa discussão tomei como uma das referências o livro 'O campo e a cidade na literatura brasileira' de Luiz Ricardo Leitão, produzido pelo Iterra, em 2007 (Disponível em <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/O%20campo%20e%20a%20cidade%20na%20literatura%20brasileira%20-%20Luiz%20Ricardo%20Leit%C3%A3o.pdf>). Esse livro pode contribuir para o aprofundamento sobre o campo da literatura, pois, traz desde a concepção de literatura ao entendimento da constituição da Literatura Nacional.

Também tomei como referência o documento final do Encontro de Literatura/ENFF/2018, do qual empresto a concepção de literatura:

A literatura, como linguagem artística capaz de sistematizar experiências sociais e sentimentos individuais e coletivos particulares a estas experiências, no Movimento Sem Terra se mobiliza na forma poética do discurso, um modo de articular a organização política e o exercício da arte forjada na luta social.

E acrescento:

- conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético; uma das manifestações artísticas do ser humano, ao lado da música, da dança, do teatro, da escultura; arte da palavra.

A compreensão que o Movimento tem da literatura se insere num contexto de luta, portanto, literatura vinculada à política, à luta social, ao engajamento, à denúncia, à emancipação humana, à gênero, portanto, vista como instrumento de luta e de registro dela.

Outra faceta que nos dá um novo olhar para a literatura é nossa concepção de educação, como formação humana omnilateral que defendemos, ou seja, de formação humana em todas as dimensões. Se devemos nos preocupar com a dimensão intelectual, corporal, social, política, psicológica...igualmente devemos nos dedicar à dimensão estética, também inerente à literatura.

Assim, dedicar-se à literatura é de muitas formas cuidar de várias dimensões, associando-as, especialmente à estética e à luta.

Podemos tanto produzir como consumir literatura. Grande parte dos encaminhamentos se dá no sentido de consumir literatura, mas devemos nos preocupar com processos também de produção de literatura. Nesse sentido, devemos problematizar quem, então, é o escritor?

Um pintor lida com cores e formas; um escultor recria volumes; um músico seleciona e combina sons, ritmos e harmonias.

- escritor é “o olho, o ouvido e a voz de sua classe”, com “certa maneira especial de ver as coisas”, como nos sugeriram o russo Máximo Gorki e o brasileiro Carlos Drummond de Andrade.
(da obra acima citada, de Luiz Ricardo Leitão)

Vejam, se o autor é ‘olho e a voz de sua classe’, então nossos estudantes, nossos militantes, nossos educadores...podem sim ser incentivados a produzir literatura, não só nas escolas, mas nos acampamentos e assentamentos, em diferentes espaços e tempos. E aí, a própria Expressão Popular poderia ampliar os espaços para esses novos autores, tão próximos. Um exemplo disso nas últimas publicações foi o livro do indígena Putakaryy Kakykary, intitulado ‘O sopro da vida’.

Quando discutimos esses dois conceitos ‘literatura’ e ‘escritor’, em geral, historicamente, os mesmos estão relacionados à classe dominante, homens e brancos. Temos um respeito enorme por aqueles que foram de certa forma ‘canonizados’ na literatura, mas penso que a produção literária precisa ser constantemente revitalizada, produzida, com a expressão de sujeitos de diferentes classes e contextos sociais. Uma das obras que li recentemente e que foi alvo de muitas críticas de intelectuais da área, foi a obra “Quarto de despejo – diário de uma favelada”, escrito por Carolina Maria de Jesus, mulher, negra e moradora da antiga favela do Canindé. Na publicação foi mantida quase por inteiro a escrita original (essa obra teve sua 11ª. Edição publicada pela Editora Ática, em 2019).

Muitas vozes foram silenciadas na produção e divulgação da literatura.

Quais autores foram silenciados na produção literária? Que questões pouco foram discutidas? Escolhi aqui duas questões para problematizar e o fiz a partir do conhecimento da realidade que tenho de acampamentos/assentamento e que se apresentam de forma explícita: a questão das mulheres e dos homossexuais. Penso que a literatura precisa também, em nossos espaços, transformar-se em instrumento de reflexão sobre questões que, muitas vezes, silenciamos, por representarem conflitos fortes nas relações vivenciados e por expressarem a presença de preconceitos ainda não superados.

Já temos a prática de fazer os inventários da realidade. Esse exercício pode orientar a escolha de obras mais polêmicas para tratar de assuntos que, em cada local, representem os desafios mais fortes.

Para discutir essas questões vou emprestar algumas ideias do livro ‘Excluídos e marginalizados na Literatura’, organizado por David William Foster, Lizandro Carlos Calegari e Ricardo André Ferreira Martins, publicado em 2013, pela Editora da UFSM.

Algumas mulheres para escrever tiveram que usar pseudônimos. Exemplo Mary Ann Evans (Inglesa) e Aurore Lucile Dupin (francesa). Mesmo assim, não deixaram de registrar sua visão, sua leitura de mundo.

Nísia Floresta Brasileira Augusta, nascida no Rio Grande do Norte, foi uma das primeiras mulheres a romper o espaço particular dos homens na Literatura e publicou textos em jornais. Seu livro, “Direitos das mulheres e injustiça dos homens” (1932), é o primeiro a tratar dos direitos das mulheres à instrução e ao trabalho no Brasil. (disponível em <http://adoropapel.com.br/2015/03/mulher-na-literatura-brasileira/>)

As obras também pouco denunciavam a situação das mulheres.

No site da Expressão Popular, das 23 obras que estão na categoria de literatura, apenas duas são de mulheres. Isso indica que as mulheres não escrevem tanto quanto os homens ou que suas obras têm menos espaço?

Por exemplo, no Brasil temos Clarice Lispector (ucraniana naturalizada brasileira) que se propôs a discutir as questões das mulheres em várias obras, especialmente na obra *Laços de família*, com vários contos que denunciavam a violência contra a mulher.

Curiosidades:

Vocês sabiam:

1. Que a primeira romancista brasileira foi uma negra?

MARIA FIRMINA DOS REIS (1825-1917). Em 1859, publicou o incrível *Úrsula*, tido pela crítica como o primeiro romance abolicionista e feminista escrito no Brasil, inaugurando a vertente da literatura afro-brasileira.

2. Que **NÍSIA FLORESTA (1810-1885)** é considerada a primeira feminista brasileira e que publicou em 1832 o manifesto “Direitos das mulheres e injustiças dos homens”?

3. Que Patrícia Galvão, sempre relacionada a Oswald de Andrade e condenada ao título de musa, foi muito mais do que companheira do escritor. Poeta, escritora, tradutora, desenhista, diretora de teatro, jornalista e militante, lutou pela participação política da mulher na sociedade brasileira e foi figura essencial no movimento modernista. Publicou seu primeiro romance, *Parque Industrial*, em 1933. Primeira mulher a se tornar presa política no país, foi torturada durante muitos períodos em sua vida

Dentre outras....

Quantos desses nomes já conheciam?

Ser mulher ou falar das questões da mulher ainda é espaço restrito na literatura nacional e também no MST.

Quantas obras que trazem uma provocação para refletir sobre a questão das mulheres estão presentes em nossas escolas e outros espaços dos assentamentos e acampamentos?

Algumas obras que poderíamos selecionar para trazer para o debate a questão das mulheres podem ser:

Obra	Autora/autor	Editora/ano	Do que trata
Viúvas da terra: morte e impunidade nos rincões do Brasil	Klester Cavalcanti	Planeta, 2004	Livro composto de seis capítulos que narram histórias de viúvas de militantes mortos na luta pela terra
A hora da estrela	Clarice Lispector	Rocco, 1977	Tem como personagem principal Macabéa, jovem nordestina, humilde que vai ao Rio de Janeiro tentar sua sorte mas morre ao ser

			atropelado por um carro de luxo em alta velocidade
As meninas	Lygia Fagundes Teles	José Olympio, 1973	Tem três personagens centrais: Lia, Lorena e Ana Clara. Lia é a principal, filha de mãe baiana e pai alemão é tratada como 'terrorista' pelas companheiras de pensão. Seu namorado Miguel é preso por motivos políticos e deportado para Argélia.
Tropical sol da liberdade	Ana Maria Machado	Alfaguara, 1988	Tem como personagem principal Lena, jornalista, militante política no período da repressão militar....
Sejam todos feministas	Chimamanda Ngozi Adichie	Companhia das Letras, 2014	A autora nigeriana parte de sua experiência como mulher africana para analisar o que é ser feminista no século 21 – feliz, que não odeia homens e se arruma para si, não para os outros – e por que o feminismo está aí para beneficiar mulheres e homens. Ela também levanta reflexões sobre como criar meninas para serem o que quiserem e meninos para serem mais livres, sem precisar se encaixar em características de “machões”.
Um teto todo seu	Virginia Woolf	Nova Fronteira, 2019 (2. Edição)	Baseado em palestras que a inglesa deu em 1928 na Newham College e na Girton College, escolas para mulheres da Universidade de Cambridge, o ensaio reflete sobre a posição social da mulher, em que medida ela influencia na produção literária e como será possível conquistar mais espaço, literal e figurativamente, para as escritoras em uma área dominada pelos homens. Aqui, Virginia bate bastante na tecla de que a mulher não tem liberdade para expressar seus pensamentos.
Mulheres, Violência e Justiça no Século XIX	Marinete Aparecida Zacharias Rodrigues	Paco Editorial, 2016	Uma ampla pesquisa sobre processos criminais e inventários envolvendo mulheres de todos os estratos sociais e etnias (ricas, pobres, trabalhadoras, livres, escravas, brancas, negras,

			indígenas) no século 19 mostra que as relações de dominação masculina e “domesticação” feminina regiam até a Justiça naquela época. Há, ainda, um recorte que evidencia que a violência contra as mulheres fazia parte da cultura da época. (Só da época?)
--	--	--	--

Que outras obras poderíamos colocar nesta lista?

Outra questão é a homossexualidade. Apesar do MST já ter um Coletivo LGBT Nacional, ainda, dentro dos seus espaços, muito preconceito é vivenciado pelos homossexuais.

Na literatura brasileira as vozes homossexuais são silenciadas. Temos vários autores que se dedicam a essa questão: Lúcio Cardoso, Fernando Gabeira, Nelson Rodrigues, João Guimarães Rosa, Lygia Fagundes Telles, Caio Fernando Abreu e outros.

Alguns exemplos de textos literários para incluir essa questão no debate: de Caio Fernando Abreu temos os contos ‘Aqueles dois’, ‘Terça feira gorda’ e ‘Anotações sobre o amor urbano’. Ainda deste autor, o Livro Morangos Mofados, publicado em 1982. Também temos o conto ‘Mi Buenos Aires querido’ (do livro o Reino das Cebolas) de Cíntia Moscovich.

De Aretusa Von temos ‘Triunfo dos pelos’ e ‘Madame Satã’ de Rogerio Durst.

Não precisamos ter receio de abordar as questões aqui propostas, em sala de aula. Elas estão presentes na vida dos acampados/assentados. Podem trazer polêmica, conflito, mas também esclarecimento e instrumentos para superar preconceitos, para de fato realizar processos de inclusão, de respeito e de empatia na juventude, inclusive pelos próprios(as) educadores(as). Faz parte da formação crítica dos estudantes.

Sei que há muitas dificuldades nas escolas para acessar esses materiais, mas há algumas possibilidades, já realizadas em vários espaços. As obras aqui citadas não são tão difíceis de acessar. Várias delas estão disponíveis na internet. O(a) educador(a) também pode baixá-las e socializá-las aos grupos de estudantes/juventude/comunidade. Podemos potencializar o uso do celular, do computador (em muitos espaços, as comunidades já têm acesso) e fazer, inclusive a leitura pelo meio digital, às vezes tão abominada pelos(as) educadores(as). A juventude, principalmente, está bem acostumada a ler e buscar informações neste meio. Nos espaços, nos quais isso é impossível, podemos buscar parcerias para imprimir alguns exemplares. Outra alternativa é adquirir as obras usadas, em sebos. Também o contato com editoras é possível para solicitar doações das obras.

Outra forma de acessar, obras mais antigas, é pelo sítio do governo federal - <http://www.dominiopublico.gov.br> – com um enorme acervo de obras de domínio público em várias áreas, inclusive da literatura.

Também precisamos considerar que a troca entre os(as) educadores(as) é um caminho importante para constituir um acervo coletivo, seja digital ou impresso.

Seria muito especial que nossas bibliotecas pudessem ter no seu acervo as obras produzidas pela comunidade. Seria estimulante, anos depois, alguém voltar à escola e encontrar o registro de sua produção literária.

Além da leitura, podemos criar um movimento de produção na escola, a partir dos debates realizados. Seria bem importante que a produção dos estudantes pudessem virar uma publicação (para custeá-las há vários caminhos: parcerias com universidades em projetos; busca de patrocínio; custeio do exemplar pelos próprios estudantes; digitação e divulgação por meio digital, começando pelo blog da escola, que seria interessante existir para divulgar esse e outros trabalhos), dentre outros. Em último caso, a publicação pode resultar de uma simples digitação, impressão e encadernação do material.

Considero, assim muito importante incentivar nossa juventude e todos os militantes a escrever, a produzir literatura, a se constituírem como autores, como voz da classe trabalhadora. Ótimo lermos os autores consagrados, ótimo consumirmos literatura, especialmente, vinculadas à luta social, mas precisamos gastar parte da nossa energia também na produção literária.

Penso ainda, que a leitura da obra sem mediações, pode até ser interessante, mas com mediações podemos potencializar os resultados. Algumas mediações que podemos fazer é trazer autores para dialogar com os estudantes e com a própria comunidade; é assistir filme referente à obra, depois de lê-la; é produzir teatros; é criar clubes de leitura; constituir um videoteca na biblioteca com filmes referentes a obras literárias (com cópias para empréstimos); dar suporte teórico sobre o(a) autor(a) e o contexto de produção de cada obra; fazer júri simulado sobre alguns personagens polêmicos das obras; produzir a leitura da obra no campo das artes visuais e exposições; produzir vídeos da vida real que expressem os elementos da obra; criar a galeria dos autores com suas imagens e biografias; dentre outros.

Luana Teixeira Porto e Ana Paula Teixeira Porto, na obra *Excluídos e marginalizados na literatura*, afirmam que 'a literatura representa campo de disputas pelo acesso à voz, pela difusão de representações de mundo, pelo reconhecimento público e dos pares, assim como ocorre em qualquer outro espaço social. É assim que termino minha reflexão no sentido de dizer que no MST, nos espaços das escolas e em outros espaços dos acampamentos e assentamentos precisamos ocupar os espaços da literatura não só com os cânones já eternizados, mas com novos autores que são o olho e a voz da classe trabalhadora, dando voz a questões que ainda representam desafios para buscar a parcial emancipação humana.